



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



SÃO PAULO, 25 DE JANEIRO DE 1958.

NA INAUGURAÇÃO DO REATOR DE PES-
QUISA DO INSTITUTO DE ENERGIA ATÔMICA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

164

Há quatro anos passados, neste mesmo dia, encontrava-me aqui, como Governador do Estado de Minas Gerais, para participar das grandes solenidades com que São Paulo comemorou o quarto século de sua fundação. Naquele dia, estava eu longe de imaginar que quatro anos depois aqui voltasse, como Presidente da República, para inaugurar um progresso admirável e testemunhar a todos os povos que o Brasil continua no seu propósito de se integrar na comunhão mundial, empregando o máximo de seus esforços para acompanhar o progresso técnico que neste instante avassala o mundo. Aqui estive, depois, inúmeras vezes. Na campanha política, afirmava que era um paulista nascido em Minas Gerais, pela tradição do meu espírito e, sobretudo, pela formação do meu temperamento, que faziam, de mim, um dos mais entusiásticos admiradores do povo de São Paulo, pelo trabalho hercúleo, extraordinário, que ele realizava em benefício do Brasil. A cidade plantada no alto dêsse planalto há 400 anos, e que, ao atravessar o século atual, ainda era uma pequena cidade sem projeção nem sequer no cenário nacional, em poucos anos, graças à atividade e à força dos seus homens, conseguiu uma posição excepcional e singular, colocando-se entre as sete maiores cidades do mundo. Para atingir esse objetivo, logo

ao alvorecer do século, em 1901, São Paulo já se preparava para o grande surto industrial que a transformaria no centro mais progressista da América do Sul. Depois de bem se aproveitar dos produtos da sua lavoura e da sua agricultura, São Paulo foi desenvolvendo o parque industrial de modo a suprir todo o Brasil dos bens de consumo que nós íamos buscar no exterior, com grave dano e sacrifício para a economia brasileira. As vozes e os passos audaciosos dos bandeirantes de São Paulo continuam a ser ouvidos pelos brasileiros que hoje têm a responsabilidade dos destinos desta nação.

Estamos agora em pleno coração do Brasil, no planalto central, num degrau mais alto do que este, construindo uma nova cidade, que será amanhã a capital do Brasil, de onde procuraremos irradiar, para regiões desertas e desconhecidas do país, a força propulsora da civilização e de progresso, que aqui atingiu um grau tão avançado. Brasília será a integração de mais de 6 milhões de quilômetros na comunhão brasileira. Será, na expressão feliz do eminente cardeal desta cidade, o trampolim para a conquista da Amazônia. Amanhã ouviremos, ressoando no deserto imenso deste país continental, os passos daqueles bandeirantes que daqui partiram e foram, com o seu esforço, plantar tão distante as nossas fronteiras. O que nós agora estamos fazendo é fundar a nação que os bandeirantes conquistaram.

O esforço que Brasília representa é, exatamente, o de integrar, na comunhão brasileira, brasileiros e território que nada hoje influem no progresso e na riqueza deste país. Tenho, neste instante, a ventura de falar aos descendentes dos bravos bandeirantes de outrora. E o que lhes quero dizer é que a mentalidade que eles deixaram felizmente não desapareceu do Brasil, e aquêles que quiserem percorrer milhares de quilô-

165

166

metros para conhecer o que o Govérno está realizando em pleno coração do Brasil irão aí encontrar o mesmo espírito e a mesma decisão daqueles que, há mais de três séculos, começaram a decifrar o mistério insondável dêste imenso continente. O Brasil está agora acordando para uma caminhada mais ousada, mais audaciosa. O passo que nós precisamos dar não pode mais medir-se pela bitola estreita das antigas preocupações do Govérno: ou nós caminhamos à frente dêste ímpeto do Brasil ou seremos superados por él, e a nossa geração de políticos, aquela que tem sob sua responsabilidade o destino da nação será mal compreendida e condenada pelas gerações futuras. Daí ter o meu Govérno, logo de início, assentado um programa que vai rigorosamente cumprindo, para que acompanhemos o desenvolvimento e o progresso do país, podendo assim corresponder ao esforço e ao sacrifício de todos que estão colaborando nesta obra imensa.

167

Na campanha política, eu anunciei — e pouca gente acreditava — que neste período de Govérno avançaríamos, em 5 anos, 50 anos. Hoje, ao comemorar o segundo aniversário do meu Govérno, neste mês que eu dedico a excursões por todo o Brasil, inaugurando obras e melhoramentos que atestam o progresso do país, neste mês, em que venho correndo todo o território nacional, do Extremo Sul ao Extremo Norte, e também através de exames dos documentos da administração, sinto que minha consciência pode, tranquilamente, verificar que estamos cumprindo aquilo que prometemos aos brasileiros. Em muitos setores realmente êsse progresso será de 50 anos. Mas em inúmeros outros iremos muito além, como se verificará pelas publicações que, a 31 dêste mês, farei, dando ao povo uma prestação exata de contas do que estamos realizando.

Aliás, o que tem sido minha preocupação no Governo é o que chamo a democratização da Presidência da República. Não comprehendo que o chefe da nação se conserve permanentemente no Rio de Janeiro, preso ao seu gabinete, despachando papéis, só conhecendo da saúde do país através de documentos frios, que, de uma maneira geral, não lhe dão idéia nem conta do que se vai passando por esse imenso continente. E, por isso, decidi olhar o Brasil, conhecer tôdas as suas aspirações, tanto nas cidades grandes como nas pequenas, do litoral e do interior. E nessas excursões, nessas peregrinações, que são para mim um imenso sacrifício, pelo esforço físico que elas exigem do Presidente, vou poder restabelecer uma compreensão melhor entre o Governo da República e o povo brasileiro. Compreensão indispensável e necessária para que a paz e a tranqüilidade possam reinar neste país.

Estou convencido de que nenhum Governo poderia, ele só, tomar sobre os seus ombros toda a responsabilidade de fazer o progresso de uma nação como o Brasil. É necessária a iniciativa privada, e é a esta que temos sempre recorrido, ora colaborando financeiramente, ora estimulando-a com a nossa presença e com os nossos conselhos, a fim de que todo o conjunto da nação brasileira trabalhe agora para o desenvolvimento do Brasil, dentro das metas que a administração programou e cujo cumprimento representará a infraestrutura sobre a qual amanhã se erguerá o edifício da grandeza nacional. E é por isso que venho viajando pelo Brasil.

Aqui em São Paulo, não sei quantas vezes já estive, depois de empossado Presidente da República. Em tôdas essas viagens, o que noto, o que percebo é o surto de progresso que cada vez mais invade este Estado. Um surto tão grande que se transformou num centro de irradiação para todo o Brasil. Agora, pro-

curamos estabelecer uma teia de comunicações para o litoral, e, estou certo, as cidades que constituem os grandes centros do litoral ainda mais se beneficiarão. No dia 21 de abril de 1960, nós estaremos trilhando o planalto central, rumo à residência definitiva da Presidência da República. Nesse dia, além de agradecermos ao povo carioca a hospedagem que, durante dois séculos, ele deu ao Governo da República, estaremos já inaugurando obras de tal alcance para o desenvolvimento do Brasil, que só elas justificariam a mudança da capital. Com efeito, nesse dia o litoral já estará ligado a Brasília por uma estrada de mais de 1.000 quilômetros, pavimentada. O Rio de Janeiro, por Belo Horizonte, também por uma estrada pavimentada de mais de 1.000 quilômetros, estará ligado à futura capital. Belém, a 2.200 quilômetros de distância de Brasília, igualmente já estará ligada à capital, no dia da inauguração desta. Nós então assistiremos ao espetáculo da unidade física do Brasil. E então o cidadão poderá sair de automóvel de Belém e ir até Pôrto Alegre, varando todo o interior do Brasil, sentindo, assim, que agora não nos prendem, apenas, os mesmos ideais e laços de comunhão nacional: estaremos fisicamente unidos para as empreitadas grandes do futuro.

171

Estes empreendimentos no setor de transportes vão sendo multiplicados. Meu Governo programou a construção de 12 mil quilômetros de estradas de rodagem. Se considerarmos que encontrou apenas 10 mil quilômetros de estradas federais em condições técnicas perfeitas, veremos que nestes cinco anos nós dobraremos o que foi encontrado. Mas, além disto, o Brasil dispunha, à minha entrada para o Governo, de apenas 900 quilômetros de rodovias pavimentadas. Já nestes dois anos pavimentamos mais de 1.400 quilômetros e, ao fim do período, mais 5.000 estarão preparados para receber o tráfego. Estaremos, por-

tanto, fazendo cinco vêzes mais, neste período, que tudo o que foi feito anteriormente.

Além do problema rodoviário, uma das coisas que preocupam meu Governo, num país que está cada dia crescendo mais, é tôda espécie de transportes. Ainda há pouco, inaugurávamos a primeira fábrica de vagões do Brasil. Estamos empenhados sinceramente em reequipar o parque ferroviário brasileiro, que se encontrava em franca decomposição. Para isso, já obtivemos empréstimos nos Estados Unidos de mais de 100 milhões de dólares, financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento, de modo a adquirir, como já estamos fazendo, 11 mil vagões, 900 carros de passageiros, 420 locomotivas e mais de 800 mil toneladas de trilhos, que, postos em funcionamento, como o vêm sendo, estão descongestionando o tráfego do país. Em 1956, há pouco mais de um ano, o escoamento da safra do trigo do Rio Grande do Sul foi uma das grandes tragédias que o meu Governo teve de enfrentar. Já em 1957 esse escoamento melhorou consideravelmente e estamos certos de que, a partir de 1958, o problema será completamente modificado. Mas, além disso, temos o problema da Marinha Mercante. Num país com um litoral imenso como o Brasil e não dispõendo quase de recursos neste setor, víamos tôda a nossa produção estrangulada. Pois bem, a Marinha Mercante é um assunto que ficará resolvido este ano. Deve, no mês de fevereiro, ser aprovado pelo Congresso o Fundo de Marinha Mercante, com o qual preparamos a nossa indústria naval, indústria que se destina, ainda no meu Governo, a produzir cerca de 130.000 toneladas anuais, de modo a favorecer e a facilitar, de uma maneira definitiva, os transportes nacionais. Já adquirimos 12 navios nos Estados Unidos, com 60 mil toneladas, que melhoraram consideravelmente a navegação de cabotagem, e temos um programa para aumentar de 800.000 para 1.100.000

toneladas a Marinha Mercante do Brasil. Além das frotas petroleiras, já temos feito encomendas que aumentam de 200.000 para 500.000 toneladas a nossa capacidade de transporte de combustível.

173 Tudo isso, somado, vai significar para a produção brasileira um maior estímulo. E já começamos a sentir os efeitos. No ano passado, a produção brasileira aumentou de 15 %, enquanto a população aumenta em 2 1/2 por cento. Quer dizer que a produção está caminhando à frente do nosso crescimento demográfico, o que demonstra que a nação está realmente trabalhando. Um dos fenômenos mais sérios para provar isso é aquêle referente à alta do custo de vida. Quando assumi o Governo, estava em espiral ascendente, terrível. Cada ano, o aumento do custo de vida marcava 22 a 24 %. Foi êste o quadro que encontrei. A pressão salarial manifestava-se de uma maneira tirânica. Em torno disso, o índice inflacionário crescia, tornando a vida do Brasil cada dia mais grave, e isto tudo promovendo um ambiente de fermentação próprio a criar verdadeiras convulsões. Enfrentamos deliberadamente êsse problema, com tôdas as medidas que a técnica e os conhecimentos aconselham. E estamos hoje, felizmente, colhendo os frutos desta política, pois, se em 1956, o aumento do custo de vida subiu na proporção de 24 %, em 1957 êste custo não subiu mais do que 7 %. Nos preços do atacado, revelam-se melhores condições, pois foi apenas de 4 % o aumento do custo da produção. Se verificarmos que na Europa, com uma economia organizada, pública e particular, o aumento do custo de vida está sendo de 4,85 %, se o Brasil agora já conseguiu que êste aumento se limitasse a apenas 7 %, estamos, portanto, colhendo os frutos e os sucessos dessa política, que tem exigido do Governo uma tenacidade enorme e ao mesmo tempo uma resistência a tôdas as solicitações que se mobilizam contra esta política.

Mas, além disto, procuramos desenvolver o Brasil, coisas básicas para o desenvolvimento do Brasil. E nenhuma delas como a energia. A energia elétrica é fundamental para o desenvolvimento industrial. Um Govêrno que encontrou apenas três milhões de kw, programou 5 milhões para 1960. E nestes dois anos já pôs em funcionamento mais de 700 mil kw. E os 5 milhões serão alcançados e ultrapassados, com as obras iniciadas, que, em 1965, levarão o Brasil a possuir 8 milhões e meio de kw, sem o que esta nação sofreria um grave colapso em seu desenvolvimento. São Paulo vem contribuindo, de maneira extraordinária, para atingir êstes níveis, não só pela ação de seu Govêrno, como também pela ação da iniciativa privada. Porque, quando me refiro a estas obras, não estou afirmando que elas são obras realizadas apenas pelo Govêrno federal, mas falando em ação conjunta, em que todos têm que colaborar para que se atinja o objetivo colimado. Essa energia vai propiciar ao Brasil recursos extraordinários para ampliar o seu parque industrial.

E temos, também, com relação ao petróleo, que é outra fonte de energia tão necessária ao Brasil, dado um avanço considerável. Encontramos o Brasil produzindo 6 mil barris diários de petróleo. Havíamos programado, para 1960, 40 mil barris. Contudo, aumentando as turmas de pesquisas de 20 para 50, aumentando as sondas, que eram apenas 16 ou 17, para 50 — e elas serão cem em 1960 — vamos obtendo uma produção de petróleo que a nós mesmos está surpreendendo. Felizmente, a esta altura já estamos produzindo 48 mil barris diários, que eram a meta para 1960. Pois bem, aumentamos a nossa meta para cem mil barris, com a convicção de que iremos bem além. Os resultados já começam a se manifestar na economia do Brasil. Cada ano, o crescimento da importação de petróleo era da base de 20 por cento. Reduzimos êsse

175

crescimento para 15 por cento em 1956 e, em 1957, para 1 por cento. Estamos caminhando para a estabilização e, depois, para a baixa da importação de petróleo, e, finalmente, atingiremos o objetivo supremo, que é o de produzir petróleo suficiente para cobrir o nosso consumo. Estamos promovendo as nossas próprias refinarias, que, no momento em que iniciei o Governo, refinavam pouco mais de cem mil barris e que, ao deixá-lo, estarão em 330 mil — todo o consumo nacional.

176 Com estas providências, que vão sendo postas em execução a galope, com prazos marcados, dias certos e até horas, com este programa cumprido, terá o Brasil a infra-estrutura indispensável. Mas, além disso, vamos também desenvolvendo a questão do carvão. O óleo diesel e a eletricidade vão pondo em perigo essa produção. Exatamente para que não parem as minas brasileiras, estamos organizando usinas que absorverão todo o carvão para a produção de cerca de 200 mil kw de energia elétrica. Estamos certos de que pelo menos em mais um milhão de toneladas aumentaremos a produção do carvão.

177 Agora chegamos à energia atômica. É agora que se inicia no Brasil esta nova era, esta fase extraordinária, cujo alcance a humanidade talvez ainda não tenha bem compreendido. Desde os primeiros dias de meu Governo procurei acelerar o ritmo das realizações em tal sentido. A aquisição deste reator foi um dos meus primeiros atos, bem como a aprovação dos estudos iniciais para instalação de um reator de potência de 10.000 quilowatts, base da produção de rádioisótopos preciosos na indústria, na agricultura e na medicina.

178 Dentro do imenso círculo de problemas de uma ou de outra maneira ligados à energia nuclear, promovemos ainda, entre outros de menor porte: o incen-

tivo à indústria química de purificação do óxido de tório, que já produzimos; a assinatura do contrato de financiamento de duas usinas beneficiadoras dos minérios de zircônio uranífero de Poços de Caldas, a fim de obter urânio metálico; a aquisição e montagem, até meados de 1958, de um grupo experimental de três ultracentrifugadoras, que o almirante Álvaro Alberto, em 1954, adquirira na Alemanha e que até agora estavam abandonadas; a ultimação, no correr do ano de 1958, dos projetos de instalações complementares destinadas à metalurgia de urânio e à fabricação dos elementos combustíveis do urânio natural.

Por outro lado, a necessidade de esboçar uma política mais adequada para atender ao advento da energia nuclear conduziu-me, em meados de 1956 a recomendar o estudo, por uma Comissão Especial, das diretrizes básicas da política governamental nesse setor, de que resultou, entre outras medidas, a criação da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Dentro das diretrizes aprovadas, quatro grandes pontos se destacam: a formação de especialistas, a obtenção de matérias primas, a industrialização para a idade atômica e a utilização da nova forma de energia.

Cada uma dessas diretrizes reclamaria e mereceria comentários detidos que, infelizmente, o quadro reduzido de minhas observações não comporta. Seja-me permitido, porém, assinalar que, em todos os setores em aprêço, nosso esforço orientador se faz sentir.

Na realidade, o reator experimental que hoje inauguramos constitui, mesmo, um verdadeiro denominador comum dessas quatro atividades essenciais: permitirá a formação de técnicos brasileiros em número crescente; servirá de emulação à indústria nacional especializada no ramo, abrindo-lhe seguras perspectivas para o futuro; acelerará o processo de

179

180

181

182

industrialização de nossos materiais férteis e físseis; abrirá o caminho para a utilização normal dessa nova forma de energia.

183 Há, entretanto, um outro aspecto que desejo ressaltar no ato de hoje: o da cooperação internacional.

184 O programa de desenvolvimento da energia nuclear do Brasil, é óbvio salientar, não prescinde da cooperação, que não nos tem faltado, das nações mais adiantadas. E a prova está neste reator de pesquisas que acabamos de inaugurar, resultado de valioso auxílio ao nosso país prestado pelos Estados Unidos da América, a cujo Governo, por intermédio de seu Embaixador, nesta solenidade, desejo agradecer em nome do povo brasileiro.

185 Dentro dessa política de cooperação, foram assinados, em 1957, com o Governo norte-americano, o contrato de arrendamento de urânio, o acôrdo de abastecimento de reatores de potência e o programa conjunto para reconhecimento de urânio, os dois últimos pendentes de ratificação pelo Congresso Nacional. Nesse mesmo ano, o Brasil ratificou o Estatuto da Agência Internacional de Energia Atômica, onde, desde o início, logrou posição de destaque, sendo, atualmente, membro de sua Junta de Governadores.

186 Procurando ampliar o âmbito de cooperação internacional, a Comissão Nacional de Energia Nuclear estuda acôrdos bilaterais com outros países. Muito devemos esperar de tôdas essas possibilidades de entendimento, e muito devemos dar de nós mesmos para atingir as metas que nos propusemos.

187 Portanto, de todos os setores da energia o Brasil está cuidando efetivamente, e só isto está permitindo as perspectivas industriais que se abrem ao nosso país. Quero apenas dar um ou dois exemplos, para não fatigar esta seleta assistência. Vejamos a indústria automobilística. Organizado o GEIA pelo Ministro

da Viação, os estudos se iniciaram e nós há pouco os concluímos, com 17 empresas organizadas, que se propuseram a construir no Brasil automóveis, caminhões, jipes e camionetas. Pois bem, em minha campanha política, eu havia programado apenas 60 mil veículos para 1960, mas teremos, naquele ano, capacidade para produção de 217 mil e estamos certos de que, no mínimo, 170 mil serão produzidos. No ano em que entramos para o Governo, produzímos apenas um baixo nível: os caminhões da F.N.M. eram cerca de 3 mil por ano. Pois bem, em 1956, aumentou-se nossa produção para mais de 6.000, em 1957 a produção atingiu a 33.000 e este ano esperamos produzir 70.000. Ora, êsse veículos, essa indústria automobilística, só ela promoverá um movimento de fabricação de 21 bilhões de cruzeiros este ano e, em 1960, essa indústria estará promovendo uma mobilização de 60 bilhões de cruzeiros. Só essa indústria mostra o que vai ser o Brasil, não de amanhã, remotamente, mas o Brasil de duas horas depois, quer dizer, dentro de um a dois anos.

Além disso, estamos desenvolvendo a todo pano a indústria siderúrgica. Encontramos 1 milhão de toneladas e, na época do aço, não poderíamos deixar de enfrentar corajosamente o problema, para aumentar a nossa produção. Neste Governo atingiremos dois milhões e 300 mil toneladas. E as indústrias que estão programadas, entre as quais uma de São Paulo, a COSIPA, e a Usiminas de Minas Gerais, darão, até 1960, 2 milhões e 300 mil, e, em 1962, 3 milhões e 500 mil toneladas, sem o que não poderíamos corresponder ao incremento extraordinário que a indústria brasileira está tomando. A indústria básica do alumínio, que encontramos com uma produção de 2.600 toneladas, elevá-la-emos para 18.000 neste período. O nosso consumo no momento é de mais ou menos 20 mil toneladas. Em 1962, já teremos atingido 40 mil toneladas.

Além disto, as indústrias de álcalis, uma das quais inaugurei neste programa de segundo aniversário do meu Govérno, essa indústria tão essencial ao desenvolvimento brasileiro contava apenas com uma produção de 20 mil toneladas. Nós vamos aumentá-la para 150 mil toneladas, o que é ainda insuficiente, pois que em 1960 o consumo já terá alcançado 250 mil toneladas.

189 Tôdas essas indústrias, todo êsse esfôrço está sendo harmoniosamente conduzido pelo Govérno, num programa de metas que são em número de 30 e que estão sendo tôdas rigorosamente cumpridas e acompanhadas diariamente, pessoalmente, pelo Presidente da República, que acorda sempre às 6,30 horas da manhã e começa logo a telefonar para os seus auxiliares, para que seus programas sejam executados rigorosamente. Só assim poderemos ter, dentro de cinco anos, a realização de um programa que equivalha a cinqüenta anos de luta. Não vou desenvolver mais esta minha tese, mas confesso que gostaria de, em uma outra oportunidade, conversar com o povo de São Paulo, para lhe expor mais detalhadamente o que tem sido a alavanca do meu Govérno. Porque essas realizações, até que elas tomem o desenvolvimento e o impulso necessários à sua realização, exigem um tremendo esfôrço.

190 Felizmente, temos contado com uma grande cooperação. Basta dizer-lhes que, nestes dois anos, entraram no Brasil, sóh a forma de financiamento e investimentos, 980 milhões de dólares, quer dizer 1 bilhão de dólares, que são uma quantia considerada astronômica e que ninguém imaginava que o Brasil pudesse conquistar no espaço de dois anos.

191 Quero neste instante acentuar para o povo paulista que o que tem contribuído mais para que o Govérno encontre estas facilidades, que vêm propiciar ao nosso

programa uma alavanca poderosa, são a paz e a tranquilidade reinantes atualmente no Brasil. Felizmente, toda aquela avalanche de boatos, de más notícias e de derrotismo, tudo isto já pertence ao passado. O brasileiro, hoje, está capacitado de que o Brasil tem um grande destino a realizar e que não pode perder tempo em querelas inúteis e só deve se dedicar às coisas sérias de seu futuro. De modo que a compreensão que tenho encontrado por parte das Forças Armadas do Brasil, que têm sido impecáveis no cumprimento do seu dever, mantendo a ordem e o respeito à Constituição, a compreensão que tenho encontrado por parte dos políticos e dos homens de Governo do Brasil, que têm colaborado de uma maneira extraordinária nesse objetivo e, também, é preciso acentuar, a colaboração do povo brasileiro, da massa anônima que já está bem politizada, bem educada e que sabe que o desenvolvimento do país está intimamente ligado a cada um — esse esforço extraordinário que a nação inteira vai realizando na paz e na tranquilidade de um regime político consolidado no exercício fiel de todas as instituições da República, está propiciando ao Brasil confiança no exterior e tranquilidade dentro de suas fronteiras, para que possamos realizar uma obra que amanhã seja o orgulho e a vaidade das gerações que nos sucederem.

Eu quero, neste instante, agradecer o acolhimento do ilustre Governador que, mesmo enfermo, veio prestigiar com sua presença a solenidade a que acabamos de assistir, quero agradecer a todas as entidades do estrangeiro que, a convite do Governo, vieram participar deste ato inicial da conquista da energia atômica pelo Brasil, e quero formular os votos mais calorosos e sinceros pelo dia do aniversário de São Paulo, que é o símbolo, o emblema e a coragem do brasileiro em luta pelo seu progresso e pelo seu destino. E quero invocar este exemplo admirável, não apenas dos ban-

deirantes de ontem, mas dos homens de hoje, que estão lutando e sofrendo pelo desenvolvimento do Brasil, quero invocar êsse exemplo, para que tenhamos fôrças e energias para continuar na mesma caminhada e para proporcionar ao Brasil de amanhã dias de mais progresso e de mais riqueza.